

Estudo busca construir memória das guerras colonias africanas

Coordenador do projeto, Miguel Cardina, esteve na Unesp onde fez conferências

📅 30/09/2019 por: Assessoria de Comunicação do CEDEM, da Unesp



Cardina: como o passado é representado no presente

Imagem: CEDEM

Em setembro de 2019 o pesquisador Miguel Cardina, da Universidade de Coimbra, esteve na Unesp para uma série de palestras sobre seu estudo em andamento no âmbito do projeto *Memórias cruzadas, políticas do silêncio: as guerras coloniais e de libertação em tempos pós-coloniais* (CROME na sigla em inglês), financiado pelo Conselho Europeu para a Investigação, por meio da bolsa Starting Grant.

O foco da pesquisa é organizar uma memória das guerras coloniais e de libertação ocorridas entre o Estado português e os movimentos de independência africanos de Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. A ideia é compreender como a memória das guerras foi sendo reconfigurada desde as independências até chegar ao esquecimento.

Miguel Cardina é licenciado em Filosofia, mestre em História das Ideologias e Utopias Contemporâneas e doutor em Letras, todos os títulos conquistados pela Universidade de Coimbra (UC). Foi presidente do Conselho Científico do Centro de Estudos Sociais (CES) da UC (2017-2019) e membro da coordenação do Núcleo de Humanidades, Migrações e Estudos para a Paz (NHUMEP) (2013-2106). É autor ou co-autor de vários livros, capítulos e artigos sobre colonialismo, anticolonialismo e guerra colonial; história das ideologias políticas nas décadas de 1960 e 1970 e dinâmicas entre história e memória.

Nesta entrevista ao CEDEM, onde proferiu a palestra *Portugal: a guerra colonial e os espelhos da História*, em 19 de setembro, Cardina conta um pouco sobre o CROME.

CEDEM – Você coordena o estudo *Memórias cruzadas, políticas do silêncio: as guerras coloniais e de libertação em tempos pós-coloniais*. Poderia, resumidamente, explicar o contexto desses movimentos?

Cardina – Há uma história da colonização portuguesa, que é muito vasta, e tem o seu término num contexto internacional, que é o da descolonização. Portugal, a despeito de outras potências coloniais, resiste a descolonizar. Só para termos uma ideia, no ano de 1960 há 17 territórios africanos que se tornam independentes. Em 1961 começa a guerra colonial em Angola, que depois se espalha para Moçambique e Guiné-Bissau. Portugal aplicou um esforço humano e econômico gigantesco nessa guerra, que tem uma história de 13 anos de conflito, com vários atores e uma mobilização intensa de tropas portuguesas e africanas para combater no lado português. Tudo isso acaba depois com o 25 de abril (Revolução dos Cravos) e a vitória política dos movimentos de libertação. Disso originou, por um lado, a independência de cinco nações – Moçambique, Guiné-Bissau, Angola –, depois também Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, que não tendo luta armada nos territórios fazem parte do mesmo movimento anticolonial e que conseguem a independência 1975. Do lado português, o 25 de abril tem uma relação direta com a guerra, justamente porque foi as forças armadas que fizeram o golpe militar, que depois abriu caminho para uma revolução em Portugal, com a instauração de democracia. O golpe militar foi arquitetado por militares insatisfeitos com uma guerra que já durava 13 anos e não tinha uma saída política. Esse é o contexto histórico que estamos a trabalhar. O evento que tomamos como base.

CEDEM – Qual o foco da pesquisa?

Cardina – Interessa-nos perceber como este evento histórico vai ressoando nos presentes políticos que se sucedem no pós-independência, no caso africano; e a queda do império, no caso português. Não se trata de um trabalho sobre a guerra colonial 1961-1974, que seriam as balizas históricas do acontecimento. É uma pesquisa das lutas de libertação, a partir de 1974, até 2022, que é quando na verdade o projeto termina. É, portanto, um trabalho sobre memória, sobre como o passado é representado no presente, com enfoque predominantemente na memória política. Ou seja, como o Estado, as sociedades e os indivíduos, que também se envolveram nesse processo – ex-combatentes do lado português, os combatentes dos movimentos de libertação – vão recordando, nos diferentes tempos históricos, esse passado que é uma marca de legitimação de reconstrução das nações africanas. Também no caso português, uma parte de um passado difícil porque está associado à disfunção do colonialismo. É um projeto que está ocorrendo na Universidade de Coimbra, financiado pelo Conselho Europeu para Investigação. É um dos maiores projetos em termos de financiamento e que me permite coordenar uma equipe de oito pessoas. Essa equipe vai desenhar, durante cinco anos, o mapa da memória da guerra e da luta de libertação.

CEDEM – Qual dos lados dos conflitos tem interesse no esquecimento do passado?

Cardina – É uma boa pergunta. O que eu chamo de política do silêncio está associada ao esquecimento. É um fato complexo, com várias camadas, que são acionadas em diferentes momentos históricos. Eu acho que temos diferentes tipos de esquecimento e de silenciamento, de acordo com os contextos. No caso africano, estamos falando de países muito diferentes e, portanto, difícil de se ter uma narrativa homogênea, apesar da luta de libertação ser um marco fundador daquelas nações. Depois, há uma história das apropriações posteriores. Mas, em geral, a luta de libertação é vista como uma consagração. Muitas vezes, os heróis da luta de libertação são também uma forma de legitimação dos poderes políticos que se estabeleceram naqueles países. Esse momento é importante e comporta, também, esquecimentos. Nos interessa perceber, ainda, como as narrativas oficiais fazem vingar determinados aspectos e tendem a esquecer outros. Observamos, em Cabo Verde, que só recentemente surgiram documentários e trabalhos acadêmicos sobre esse

passado colonial, os quais estamos analisando. Esses trabalhos falam do papel das mulheres, dos presos políticos, dos combatentes de armas na mão. Então, começa a haver uma pluralização dos atores da luta. E esse momento é interessante porque nos mostra como o passado é sempre uma narrativa do presente, que vai sendo reconfigurada e se articula com narrativas do poder. A questão do esquecimento e do silenciamento vai tomando várias formas. Em Portugal, há uma história da memória da guerra. Acho que é importante historicisarmos isso. Olharmos para um recorte contemporâneo de como a guerra colonial é vista hoje em Portugal. A ditadura tinha um modo particular de olhar e pensar a guerra. E também de silenciar e de exaltar. Os combatentes, por exemplo, falam de como eles não contavam suas histórias. Não havia uma disponibilidade social para ouvir as narrativas das pessoas que estavam do lado derrotado da guerra. Isso acabou por dificultar a expressão de suas experiências e memórias privadas, em alguns casos, porque envolveram questões fortes de violência e de experiências limites. O grande silenciamento que existe em Portugal, eu creio, é a ideia de que houve um evento bélico, mas há muita resistência em enquadrá-lo no contexto colonial. Durante a ditadura, o discurso oficial era de que a guerra era um evento de ultramar. Portugal não tinha colônias, nem províncias ultramarinas. Não havia colonialismo, nem uma guerra colonial. Este momento da narrativa parece desgarrado. O que nós procuramos mostrar no trabalho é que o silêncio também fala. Quando o Estado produz determinadas narrativas que surgem truncadas, elas costumam dizer algo. Elas são parte da política da memória oficial que reproduz uma certa imagem do evento.

CEDEM – Porque é importante a memória desses eventos?

Cardina – Em primeiro lugar, porque Portugal ainda resiste a olhar a sua história de maneira desassombrada. Portugal observa sua experiência colonial não como um colonialismo. Isso é influência até de Gilberto Freire, que foi amplamente adotado em Portugal para caracterizar a experiência colonialista portuguesa. A narrativa portuguesa é, no fundo, a de ter feito um trabalho civilizador pelo mundo. Um pouco ultrapassada, essa narrativa aparece com novas roupagens e de forma dominante.

Q Buscar



Centro de Documentação e Memória da UNESP - Reitoria Praça da Sé,108 - Centro - São Paulo/SP - CEP 01001-900 Telefone: (11) 3116-1701